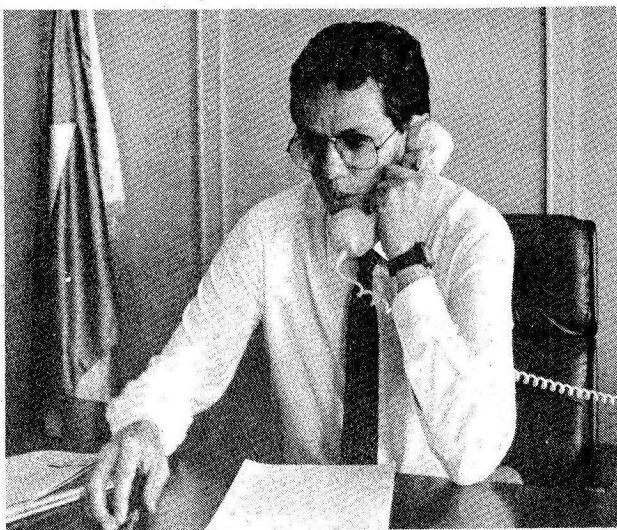


Ex-assessor de Funaro acha dívida incobrável

Belo Horizonte — Os esquemas tradicionais de enfrentamento da dívida externa estão esgotados pelo Brasil e os demais países latino-americanos, afirmou ontem, em Belo Horizonte, o economista Paulo Nogueira Batista Júnior, ex-assessor da dívida externa na gestão do ministro Dilson Funaro, ao ressaltar que a comunidade econômica internacional está ciente de que esses países “não estão mais dispostos a sacrificar os seus objetivos internos para pagar a dívida”.

Ao participar do 7º Congresso Brasileiro de Economistas, que começou ontem, na capital mineira, Paulo Nogueira Batista Júnior defendeu a transformação da dívida externa em títulos (bônus) de longo prazo, incorporando até mesmo deságios, que possibilitarão a negociação via capital de risco na economia brasileira por parte dos credores internacionais. Essa fórmula terá como consequência a diminuição das transferências de recursos externos do Brasil para o exterior, atualmente da ordem de 4 a 5 por cento de PIB, para 2 por cento, e a diminuição do grau de comprometimento das exportações, hoje em volta de 50 por cento. A posição assumida pelo Brasil, no início do ano, ao decretar a moratória unilateral dos juros foi importante para que o País rompesse com os métodos tradicionais de pagamento da dívida, salientando que não houve retaliações e represálias, contrariando mui-



Batista Júnior: os bônus são a solução

tas previsões pessimistas.

Para Paulo Nogueira Batista Júnior, um dos expositores do principal painel de ontem, sobre “Dívida externa e relacionamento do Brasil com o exterior”, o Brasil “é o único devedor com uma chance real de uma solução duradoura para o problema de sua dívida externa”. Ele lembrou que nenhum dos países endividados a partir de 1982 (início da crise) conseguiu renegociar convenientemente a sua dívida e que, portanto, o País não é hoje exceção no quadro econômico internacional. A percepção dominante em toda a comunidade econômica internacional, na visão do ex-assessor do ministro Dilson Funaro, é que a dívida externa brasileira “é mesmo incobrável”. Ele

lembrou que banqueiros internacionais, caso do Citicorp, de Nova Iorque, sabem disso e a prova é o aumento das reservas para “eventuais prejuízos” de seus balanços. Papéis de crédito estão sendo vendidos com deságio de até 50 por cento, referentes à dívida externa, no chamado “mercado secundário”, salientou.

O ex-presidente do Banco Central, Paulo Pereira Lyra, também expositor, discordou de que a dívida é incobrável. Disse que estão equivocados aqueles, como o próprio ministro Bresser Pereira, que partem do pressuposto de que o “País não pode pagar”. Ele acha que se o País não pagar a dívida recrudescerão as dificuldades econômicas e sociais.